

RESENHA

Ferraz, D., Gama, F., & Fleischer, S. (2022). *180 graus, minhas reviravoltas com o câncer de mama*. (J. R. C. M. Ayres, Prefácio). (C. Siren, Ilustrações). 1. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora. pp. 336.

CLARISSA LEMOS CAVALCANTI

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal (DF)
<https://orcid.org/0000-0002-7118-8886>
clarissalc09@gmail.com

Pesquisas sobre adoecimento e itinerários terapêuticos vêm ganhando destaque dentro do campo da Antropologia da Saúde, e as contribuições de abordagens que visam uma compreensão mais integral e centrada nas pessoas foram fundamentais para a criação de novas perspectivas sobre os processos de saúde e doença. É justamente dessa tradição de trabalhos que a obra *180 graus: Minhas reviravoltas com o câncer de mama* faz parte, tendo como ponto de destaque não apenas seu formato – uma etnografia em *graphic novel* –, como também o caráter colaborativo da criação do livro.

A obra é de autoria de Dulce Ferraz, pesquisadora e analista em gestão em saúde, com colaboração de Fabiene Gama e Soraya Fleischer, antropólogas da saúde que atuam na docência em universidades públicas. O projeto gráfico é de autoria de Camilla Siren, designer gráfica. O livro possui 331 páginas e está organizado com um prefácio de José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres e uma apresentação da autora, seguida de três capítulos da *graphic novel*. Ao final, há, também, quatro textos complementares à obra que visam explicitar o processo de produção e os potenciais das escolhas metodológicas realizadas.

Através da articulação entre a abordagem teórica do cuidado, da autoetnografia e da medicina gráfica, Dulce Ferraz se propõe a contar a história de Carol, uma mulher de 36 anos diagnosticada com câncer de mama. Ainda que não se reduza ao relato de seu próprio processo de adoecimento, a autora parte da sua experiência com o câncer para elaborar uma narrativa visual sobre o processo de descoberta da doença, os encontros com médicos, a bateria de exames necessários e a busca e vivência por tratamentos. A obra, inclusive, se baseia nas anotações que a autora foi tomando ao longo dos meses em que esteve imersa na descoberta e no tratamento do câncer. Contudo, longe de ser um relato meramente descritivo, o livro nos possibilita acessar a dimensão subjetiva desta experiência, confrontar os imponderáveis do adoecimento e suas implicações na vida de um indivíduo e acessar informações científicas sobre o tema de maneira contextualizada.

O livro é dividido em três capítulos gráficos, nos quais são apresentadas Carol e as personagens que compõem sua história: marido, filhas, amigas, familiares e médicos. No primeiro capítulo, acompanhamos a suspeita do câncer através do autoexame, a busca por mamografias e ecografias para investigar a “bolinha” na mama. A dimensão do tempo evidencia-se como um fator relevante neste processo, visto que o não saber e a demora na marcação e realização dos testes deixa a personagem principal em suspenso sobre seu futuro e sobre seu próprio corpo. Também vivemos com Carol a dimensão do medo pelas implicações do adoecimento em sua vida, bem como a necessidade de coragem para lidar com o que a confirmação do diagnóstico representa para sua percepção de si: agora como “paciente”, “caso” e pessoa “doente”.

A confirmação de que a “bolinha” na mama era uma lesão sugestiva de malignidade implica em uma série de novos procedimentos, conformação com novas espacialidades do ambiente hospitalar – as quais são tão bem retratadas nos quadrinhos – e uma nova relação com o seu próprio corpo. Sendo uma mulher jovem, a dimensão reprodutiva é também colocada em xeque com o diagnóstico, e não apenas Carol é confrontada com a iminente necessidade de diversos tipos de intervenções sobre e no seu corpo, mas também precisa avaliar a dimensão da maternidade em sua vida. É evidente como o processo de adoecimento não diz respeito apenas à doença em específico, mas impacta de maneira ampla os projetos de vida e a percepção sobre si mesma.

Diante de um diagnóstico de câncer de mama, como escolher, então, quais caminhos percorrer? No segundo capítulo, acompanhamos Carol na decisão pelo seu tratamento, sobretudo no questionamento sobre evitar intervenções desnecessárias e sua relação com a biomedicina. E este é um destaque do capítulo: ao apresentar as angústias sobre as decisões que precisa tomar para si, a autora traz informações baseadas em evidências que são informativas e essenciais para que mulheres possam fazer escolhas informadas sobre seus corpos. Não apenas a dimensão do acesso à informação através de pesquisas é ressaltada, mas também a importância da troca de experiências com outras pessoas que tiveram câncer como forma de acessar conhecimentos e informações.

Após realizar a cirurgia para retirada do câncer, Carol precisa entender quais os caminhos terapêuticos vai tomar para evitar recidivas, que poderiam ser sessões de radioterapia, hormonioterapia e quimioterapia. Levando em conta os efeitos colaterais, o grau de malignidade do tumor e a sua qualidade de vida, acompanhamos a personagem lidando com profissionais da saúde prescritivos que pouca atenção

dão a suas dúvidas e questionamentos; com a procura por profissionais mais sensíveis e dispostos ao diálogo e com a busca por compreender quais, dentre todas as alternativas, era aquela que fazia mais sentido para sua situação clínica.

É interessante como Dulce Ferraz apresenta esse embate com a medicina como uma área de saber-poder que pouco permite ser questionada, sobretudo por pessoas que se encontram vulneráveis e fragilizadas física e psicologicamente pelo adoecimento. Ainda assim, acompanhamos essa disputa de conhecimentos sobre si, que engloba mais do que apenas a doença, mas também o entendimento sobre as próprias necessidades e prioridades de vida e sobre o manejo do próprio corpo. Neste embate, felizmente, vemos Carol sair vitoriosa com a procura por profissionais de saúde mais atentos e cuidadosos, dispostos a ouvi-la em suas demandas e necessidades.

No terceiro capítulo, acompanhamos a adaptação de Carol ao tratamento escolhido, a radioterapia, e a volta, aos poucos, a um ritmo de vida perdido pela ruptura instaurada pelo diagnóstico. Aqui vemos, também, como a recuperação do adoecimento, ainda que ancorada em tratamentos biomédicos, é aliada a outras práticas que permitem que a personagem lide com o giro de 180 graus que o câncer trouxe para a sua vida. Novamente, vemos como a dimensão reprodutiva perpassa as vivências de saúde das mulheres, visto que uma das etapas do tratamento, a hormonioterapia, tem potencial de impactar o ciclo reprodutivo ao induzir a menopausa. Como uma mulher jovem, também vemos Carol lidar com a escolha de hormônios mais leves – ainda que sempre questionada pelo seu médico – para evitar sintomas e mudanças drásticas em seu corpo, as quais julga desnecessárias naquele momento.

Como um desfecho para uma obra sensível sobre temas sensíveis, Dulce Ferraz argumenta pela necessidade de acabar com a idealização de quem sobrevive a uma experiência de adoecimento e pela necessidade da não homogeneização das experiências com câncer – afinal, elas são múltiplas e diversas. A autora também advoga por possibilidades de uma experiência de adoecimento ancorada em fatores básicos como acesso aos tratamentos no tempo necessário, ao apoio para conseguir dedicar tempo para o cuidado e uma ampla rede de solidariedade, composta por pesquisas científicas, por políticas públicas, por profissionais sensíveis, por formas de organização familiar e comunitária de cuidado, por espaços de apoio e escuta e pelo direito humano a se cuidar.

Além da história em quadrinhos propriamente dita, a obra contém quatro textos valiosos, os quais buscam refletir sobre o processo de criação e sobre os potenciais do livro em sua forma, método e usos. O primeiro texto é um diálogo entre as autoras, as colaboradoras e a designer, que apresentam para as leitoras como surgiu a colaboração entre elas, o processo de desenvolvimento do livro e da estética da *graphic novel*.

No segundo texto, intitulado “Por que usar quadrinhos para falar sobre o câncer de mama?”, Dulce Ferraz destaca o potencial do formato *graphic novel* para retratar uma situação de adoecimento e como esse formato possibilita comunicar para um público mais amplo, sobretudo para além das pessoas adoecidas. A *graphic novel* ajuda na elaboração sobre a disrupção biográfica, como bem pode ser notado na leitura da presente obra, e traz outras perspectivas para uma tradição consolidada de diálogo entre literatura e saúde. A medicina narrativa é um formato já bastante utilizado, sobretudo nos Estados Unidos, mas

ainda vemos poucas obras lidas e traduzidas para o português que seguem esse formato. Nesse sentido, o livro de Dulce e de suas colaboradoras apresenta uma proposta inovadora no Brasil.

Já Fabiene Gama reflete sobre “A potência da autoetnografia para a área da saúde”, ressaltando os benefícios de se olhar de maneira crítica e informada para as próprias experiências. Essa metodologia permite a elaboração sobre situações de vulnerabilidade e acomoda, segundo Fabiene, a emocionalidade, ampliando a compreensão sobre as dinâmicas sociais. Não apenas o processo de adoecimento é narrado ou descrito para fins de divulgação científica, mas a autoetnografia abre espaço para a construção de significados sobre o adoecimento à medida em que se narra.

Por fim, Soraya Fleischer destaca os múltiplos cenários e situações em que o livro pode ser usado. Além de ser um texto antropológico sobre um processo de adoecimento que acrescenta para o estado da arte da Antropologia da Saúde, sobretudo aquela focada na saúde das mulheres, a obra é informativa e possui usos plurais para o ensino, pesquisa e extensão, para os serviços de saúde, para gestoras e para comunidades. As possibilidades de transbordamento do que surge de um trabalho etnográfico deve-se, sobretudo, ao formato inovador proposto pela autora e por suas colaboradoras, as quais pretendem que o livro amplie o diálogo interdisciplinar sobre saúde e doença.

Em um país no qual o câncer de mama é o mais incidente em mulheres em todas as regiões, é essencial evidenciar histórias e trajetórias de pessoas que passaram por ele como forma de amparar e informar sobre caminhos e tratamentos possíveis, bem como de centralizar a subjetividade desses indivíduos e os impactos que a descoberta da doença tem em suas vidas. Neste sentido, o livro destaca-se como uma obra fundamental para os debates sobre os manejos e as perspectivas da saúde integral das mulheres, sendo um recurso valioso para informar tanto o campo da Antropologia, como as áreas da saúde.

Clarissa Lemos Cavalcanti é mestranda no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UnB) e Pós-Graduada em Políticas Públicas e Justiça de Gênero (CLACSO). É analista em incidência e pesquisa na Anis - Instituto de Bioética.

SUBMETIDO: 20/06/2023

APROVADO: 11/12/2023

PUBLICADO: 30/01/2025



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons BY-NC*